



Ciranda das Pretas

Lindea Pereira Ramos

Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, Uberaba-MG, Brasil

Rosemberg Ferracini

Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, Uberaba-MG, Brasil

RESUMO

O presente texto é fruto de uma dissertação de mestrado em Educação, cujo objetivo foi compreender os significados atribuídos pelos participantes às suas práticas e aos contextos, no âmbito do projeto “Ciranda das Pretas”, tendo como metodologia de trabalho, a pesquisa participante, com abordagem qualitativa. O estudo contou com a participação ativa da pesquisadora em uma escola municipal de Uberaba (MG). As práticas escolares ocorreram em uma turma do primeiro ano do ensino fundamental no ano de 2023. O projeto “Ciranda das Pretas” é uma estratégia pedagógica de ensino para a valorização feminina negra. As sequências didáticas foram direcionadas a exercitarem no cotidiano escolar a história de nove mulheres negras. Voltados para os anos iniciais, os exercícios pedagógicos do projeto estiveram aliados às diferentes áreas do conhecimento, como matemática, língua portuguesa, história e geografia. As ações de ensino e aprendizagem destacaram o planejamento didático, fruto de leituras, reflexões e confecção de ações pautadas ao protagonismo do feminismo negro. Observou-se a importância de se estudarem personalidades negras como as escritoras, autoras, cientistas e demais heroínas.

Palavras-chave: Lei nº 10.639/2003; ações afirmativas; educação, escola e mulheres.

CIRANDA OF BLACK WOMEN

ABSTRACT

This text is the product of a master's dissertation in Education, whose objective was to understand the meanings attributed by the participants to their practices and to the contexts, within the scope of the 'Ciranda das Pretas' Project. The methodology was participant research conducted in a municipal school in Uberaba (MG). The activities took place in a first-grade primary school class in 2023. The "Ciranda das Pretas" project is a pedagogical strategy to value Black women. The sequences of activities aimed to bring into everyday school life the histories of nine Black women. Targeted at the early years, the pedagogical activities were integrated with different knowledge areas such as mathematics, Portuguese language, history, and geography. The teaching and learning actions emphasized didactic planning derived from readings, reflections, and the design of actions grounded in the protagonism of Black feminism.

We observed the importance of studying Black personalities such as writers, authors, scientists, and other heroines.

Keywords: Law 10.639/2003, affirmative action, education, school and women.

CIRANDA DE MUJERES NEGRAS

RESUMEN

Este texto es el resultado de una tesis de maestría en Educación, cuyo objetivo fue comprender los significados atribuidos por las participantes a sus prácticas y a los contextos, en el marco del proyecto 'Ciranda das Pretas'. La metodología fue la investigación participante realizada en una escuela municipal de Uberaba (MG). Las actividades se desarrollaron en un grupo de primer grado de la escuela primaria en 2023. El proyecto "Ciranda das Pretas" es una estrategia pedagógica para valorar a la mujer negra. Las secuencias didácticas buscaron incorporar en la vida escolar cotidiana las historias de nueve mujeres negras. Dirigidas a los primeros años, las actividades pedagógicas se integraron con diferentes áreas del conocimiento como matemáticas, lengua portuguesa, historia y geografía. Las acciones de enseñanza y aprendizaje destacaron la planificación didáctica resultante de lecturas, reflexiones y el diseño de acciones fundamentadas en el protagonismo del feminismo negro. Observamos la importancia de estudiar personalidades negras como escritoras, autoras, científicas y otras heroínas.

Palabras clave: Ley 10.639/2003, acción afirmativa, educación, escuela y mujer.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo representa parte das reflexões presentes em uma dissertação de mestrado em Educação. É fruto de um trabalho conjunto entre orientando e orientador, alunos e escola, leitura e pesquisa, reflexão e ação na e para sala de aula. A pesquisa em construção traz ao público as possibilidades de se trabalhar a Lei nº 10.639/2003 no cotidiano escolar do ensino básico. O projeto “Ciranda das Pretas” é uma estratégia pedagógica de ensino para a valorização da diversidade, planejado com a intenção de trazer para o cotidiano escolar a história de nove mulheres negras. Nossas ações pedagógicas destacaram o planejamento didático, fruto de leituras e reflexões pautadas no protagonismo do feminismo negro.

A proposta ofereceu aos estudantes subsídios para reflexões sobre a importância da igualdade racial, de forma lúdica e artística e baseou-se na Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira dentro das disciplinas que fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004, p.15), lê-se que:

a escola tem papel preponderante para a eliminação das discriminações e para a emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos

avançados, indispensáveis para a consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários.

A educação, portanto, é a mola propulsora das transformações sociais, à medida que gradativamente estimula a consolidação de novos valores. A Lei nº 10.639/2003 é considerada um marco político na sociedade brasileira por propor e construir diferentes práticas de aprendizagens que rompam com o racismo. Ferracini (2020, p. 18) escreveu: “Nessa perspectiva, todo e qualquer sujeito político envolvido no enfrentamento contra a discriminação pode colaborar com a prática educativa, seja ela formal ou informal, uma proposta diferente daquela estabelecida pelos bancos escolares”. E isso se dá não somente por meio da transmissão de conceitos teóricos puramente intelectivos, mas, principalmente, pelas vivências que tocam o coração. Daí a importância da ludicidade, da contação de histórias, das rodas de conversa e da arte.

Nossa escolha metodológica foi trabalhar com a pesquisa participante. A análise foi realizada de forma interpretativa, fundamentada nos projetos pedagógicos e sequências didáticas implementadas ao longo de 2023 e 2024, com o objetivo de compreender os significados atribuídos pelos participantes às suas práticas e aos contextos. Essa proposta se constituiu uma modalidade de pesquisa científica que tem o objetivo de incluir as crianças participantes na construção de suas identidades e na solução dos problemas, a partir da proximidade entre pesquisadores e pesquisados. Nosso objetivo de atuação foi promover interação, autorreconhecimento e fortalecimento da identidade negra, demonstrando o encantamento e a sabedoria da mulher negra na sociedade brasileira. Trata-se de uma forma mais democrática de investigação social, que valoriza o saber comum e prioriza, de fato, a mudança efetiva da realidade, trazendo desenvolvimento social às comunidades. De acordo com Brandão (1988, p. 61),

poderíamos ver mais claramente como o homem comum poderia articular sua própria ciência e seus conhecimentos como um recurso vital para a defesa de sua identidade, para a proteção de seus interesses e para a preservação de valores essenciais, com sinais de progresso no desenvolvimento social geral. Seria uma ciência elevada ao nível da sabedoria.

Baseados na reflexão anterior, decidimos utilizar a pesquisa participante por reconhecer, nessa modalidade, a possibilidade de aprender conceitos que se identificaram com a escola. É preciso considerar nossas reflexões enquanto docente em sala de aula nas séries iniciais junto à comunidade escolar. Durante esse caminhar, fomos construindo esse fazer pedagógico, valorizando e ouvindo a comunidade escolar. Essa troca de experiências foi norteando o trabalho e o próprio desenrolar das Sequências Didáticas (SQ), que foram nos mostrando as

pequenas e gradativas, mas nítidas, modificações que ocorrem na vida de todos os envolvidos, inclusive da pesquisadora.

Refletindo pedagogicamente, decidimos utilizar a sequência didática e a interdisciplinaridade. Sequência didática é uma técnica pedagógica em que o professor planeja várias atividades sequenciais e inter-relacionadas, em torno de um conteúdo ou de um tema, abrangendo diferentes disciplinas curriculares, com o objetivo de levar aos estudantes um conhecimento amplo sobre o assunto. Interdisciplinaridade é um método de ensino que visa unir as diversas áreas do conhecimento, permitindo ao professor abordar um conteúdo com diversos olhares trazidos pelas diferentes disciplinas.

Antes de relatar os exercícios pedagógicos desenvolvidos, vale ressaltar que atuamos no primeiro ano do ensino básico, com turmas de seis e sete anos de idade. Nesse contexto, precisamos seguir um roteiro de trabalho com temas típicos de cada mês letivo, como, por exemplo, Carnaval, aniversário da cidade, aniversário da escola, entre outros. Dessa forma, buscamos incluir em cada tema obrigatório uma mulher negra que se relacionasse com esses temas. Em todas as sequências didáticas mensais trabalhamos interdisciplinarmente conteúdos de língua portuguesa, matemática, geografia, história, ciências, valores humanos e artes, que foram intencionalmente relacionados às histórias de vida de cada uma das mulheres negras homenageadas.

Exemplificando, na disciplina de língua portuguesa, retirávamos algumas palavras-chave da história da personalidade estudada e desenvolvíamos vários tipos de SQ em formato de exercícios e brincadeiras, sendo exercícios, como o significado da palavra, a ordem alfabética, a primeira e a última letra da palavra, a identificação de vogais e encontros vocálicos, o registro escrito, a leitura de portadores de texto sobre o tema, a criação de acrósticos, entre outros. Também utilizamos brincadeiras relacionadas ao tema estudado como forca, ditado estourado, picolé de sílaba, silabário móvel, dança da cadeira com palavras, mímica de palavras, adivinhação de palavras, caça palavras, palavras cruzadas, batalha naval e várias outras.

Na matemática trabalhamos com soma e subtração, datas, idades, sequenciamento da história da personalidade por meio de ordem numérica, etc. Estudando geografia, apresentamos no mapa a localização dos lugares e cidades onde se passaram as histórias das mulheres negras, além de conhecermos os pontos turísticos dessas cidades. A disciplina de artes era sempre contemplada, quando as crianças faziam uma releitura da história ou da imagem da personalidade estudada por meio de desenhos, pinturas, colagens e confecção de objetos. Às vezes, essas práticas não terminavam no mesmo dia, pois eram desenvolvidas gradativamente, respeitando o ritmo de absorção de informações das próprias crianças, alternando-se explicações e brincadeiras.

Buscando articular esse aprendizado para uma educação antirracista, a investigação da pesquisa foi fundamentada na consideração do seguinte questionamento: Quem são as referências femininas negras presentes na educação?

2 JUSTIFICATIVA

O racismo, sendo estrutural, está presente na mente dos indivíduos, mesmo que não se tenha consciência plena do fato, sustentando uma visão estereotipada de pessoas e grupos sociais, ou seja, a ideia que se tem de uma pessoa negra é predeterminada pela sua aparência exterior. Assim, torna-se importante reforçar a ideia de que toda visão generalizada e preconceituosa é limitada, distorcida e empobrecida de sentido, pois o ser humano sempre será muito mais que sua aparência.

Na sociedade brasileira, um estereótipo comum é o da mulher negra, pois se padroniza sua imagem em uma função social de serviçal, limitada intelectualmente e incapaz de protagonizar algo significativo. Levando a questão para o viés econômico, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022), a taxa de desemprego entre mulheres negras é maior em comparação ao total de mulheres no Brasil. No primeiro trimestre de 2023, a taxa de desemprego para mulheres negras foi de 13,1%, enquanto a média nacional foi de 8,8%. As mulheres negras empregadas estão predominantemente em funções que têm remunerações baixas e associadas à informalidade. Cerca de 55% delas trabalham em serviços de vendas ou ocupações elementares como diaristas, auxiliares de cozinha, entre outras.

Por esse motivo, justificamos a importância de se estudarem personalidades negras como as escritoras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo; Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson, três especialistas em matemática, cujos cálculos foram usados em projetos espaciais e de aviação na NASA; a médica, pesquisadora e ativista de direitos humanos, Jurema Werneck; a escritora e filósofa Sueli Carneiro; a educadora Rosângela Janja Araújo; Enedina Alves Marques, professora e primeira engenheira negra do Brasil; Sônia Guimarães, doutora em física e professora no ITA; Anita Canavarro, química e doutora em ciências; Katemari Rosa, física e professora adjunta na Universidade Federal da Bahia; Petronilha Gonçalves e Silva, escritora e pós-doutora em Educação; e tantos outros negros e negras que se destacaram na ciência, política e literatura.

Vale lembrar que Lélia Gonzalez (1988) foi uma das principais intelectuais da formação da sociedade brasileira. Foi Lélia Gonzalez umas das negras que se dedicou a problematizar e

debater o conceito de raça, gênero e classe a partir da ideia de que raça estrutura a desigualdade no Brasil.

Não há como negar a influência de Lélia na educação e no debate de novas formas de ensino e aprendizagem. Ela é sempre citada como a exemplo de várias atividades relacionadas à sociedade brasileira ligada à escola e às mudanças raciais. Isso ocorre gradativamente, de geração a geração, quando crianças vão recebendo informações, base de conceitos e valores formadores do pensamento social.

Evidenciando a questão racial aliada à importância da educação, Cavallerio (2021) nos ensina que “necessita-se de uma educação com base antipreconceituosa ou antiestereotipada evitando, assim, favorecer a exclusão diante da inclusão tão desejada”. Da mesma forma, pensa a escritora negra Rocha (2007), quando afirma que “(...) a exclusão escolar é o início da exclusão social das crianças negras”. Busca-se, em seguida, apresentar um recorte das atividades com temas raciais, realizadas durante o ano de 2023, com uma turma de primeiro ano do ensino fundamental e formada por crianças de seis anos. Por fim, são apresentados os exercícios propriamente ditos e as conclusões.

3 DANDO AS MÃOS: CONSTRUINDO A CIRANDA

O projeto “Ciranda das pretas” fez parte do planejamento escolar do ano de 2023 da Escola Municipal Adolfo Bezerra de Menezes, que é ligada à Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, Minas Gerais, que solicitou à direção escolar a implementação de um projeto sobre mulheres negras. A solicitação se deu em razão da comemoração dos vinte anos da Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da cultura africana no cotidiano escolar.

Diante da solicitação, organizamo-nos para que as crianças atendidas por nós aprendessem a referência de personalidades negras. Foram então desenvolvidas as histórias de vida de nove mulheres negras, uma a cada mês, durante o ano de 2023. Nesses nove meses, cada proposta pedagógica realizada fez parte de novos aprendizados, cada sequência didática fez parte da gestação, uma vida, uma história, um aprendizado com reflexões, mudanças de paradigmas, representatividade, pertencimento e autoestima. Organizamo-nos teoricamente e metodologicamente para que as atividades em sala de aula fossem direcionadas à luz de mulheres negras heroínas, capazes de, através de seu exemplo, contribuir para modificar para melhor a sociedade em que vivem ou viveram. Segundo as DCN, (Brasil, 2004, p.12), o momento atual “requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de

valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino”.

Acreditamos que trabalhar com a diversidade é plantar uma pequenina semente na consciência das crianças e esse deveria ser o objetivo do trabalho inclusivo: plantar sementes, e, com paciência, deixar que germinem, produzam frutos e se alastrem para fora da “caixinha” predeterminada.

Por outro lado, ações afirmativas são qualquer tipo de ato, individual ou coletivo, público ou privado, que buscam uma retratação ou uma compensação para reverter arbitrariedades reconhecidamente praticadas contra um conjunto de pessoas. Assim, as ações afirmativas são promovidas geralmente por meio de políticas sociais de combate a quaisquer tipos de discriminações, sejam étnicas, religiosas ou de gênero, com o objetivo de criar, para esses grupos minoritários, oportunidades de acesso a educação, saúde e empregos. Elas são necessárias para que sejam corrigidas injustiças históricas cometidas contra as minorias.

3.1 Joana Batista

Para o mês de fevereiro, mês do Carnaval, escolhemos Joana Batista, uma mulher negra, analfabeta e empregada doméstica, que viveu em Pernambuco, no início do século XX, e foi autora do famoso frevo “Vassourinhas”. Iniciamos a apresentação do tema ouvindo a música “Vassourinhas”. Foram distribuídos chocalhos e baquetas às crianças para acompanharem, cada uma a sua maneira, o ritmo da música. Depois de muito barulho e diversão, mostramos a elas a letra da música para que pudessem fazer a interpretação, além de conhecerem as rimas.

No dia seguinte, quando voltamos ao tema Joana Batista, o foco foi sua biografia. Contamos a sua história e mostramos às crianças a imagem da nossa homenageada. Nos dias subsequentes, fizemos rodas de conversas sobre o gênero musical frevo, cantamos alguns frevos e assistimos a um vídeo dessa dança com vestimentas típicas. Nas rodas de conversas com as crianças, sempre ampliavam o assunto, falando de outras músicas carnavalescas. Também assistimos a um documentário sobre a vida de Joana Batista e voltamos à roda de conversa, momento em que as crianças puderam dar a sua opinião sobre a compositora e sua obra.

O encerramento dessa sequência didática sobre Joana Batista foi um baile de Carnaval muito divertido, com as crianças fantasiadas e dançando o frevo, além de uma apresentação contando o que aprenderam sobre a vida e a obra de Joana Batista. Essa sequência didática foi um exemplo de ação afirmativa de valorização da cultura negra, de forma lúdica e divertida, potencializando a representatividade das crianças negras e pardas, por meio do reforço de uma imagem positiva de uma personalidade negra.

3.2 Maria Rita

No mês de março comemora-se o aniversário da cidade de Uberaba e resolvemos, nesse mês, contar uma passagem da vida de uma personalidade importante que, com suas atitudes, fez a diferença na história da nossa cidade. Maria Rita, cujo sobrenome é desconhecido, foi uma das primeiras mulheres negras a lutar por justiça na cidade de Uberaba. Iniciamos a sequência didática contando a história da cidade de Uberaba, como e quando surgiu, passagens da vida do fundador Antônio Eustáquio da Silva Oliveira, o Major Eustáquio, localização geográfica da cidade, nomes que essa região recebeu até ser chamada de Uberaba e a importância dos grupos indígenas que habitaram o lugar. Nessa aula expositiva, foram mostrados *slides* com fotos antigas e atuais da cidade de Uberaba.

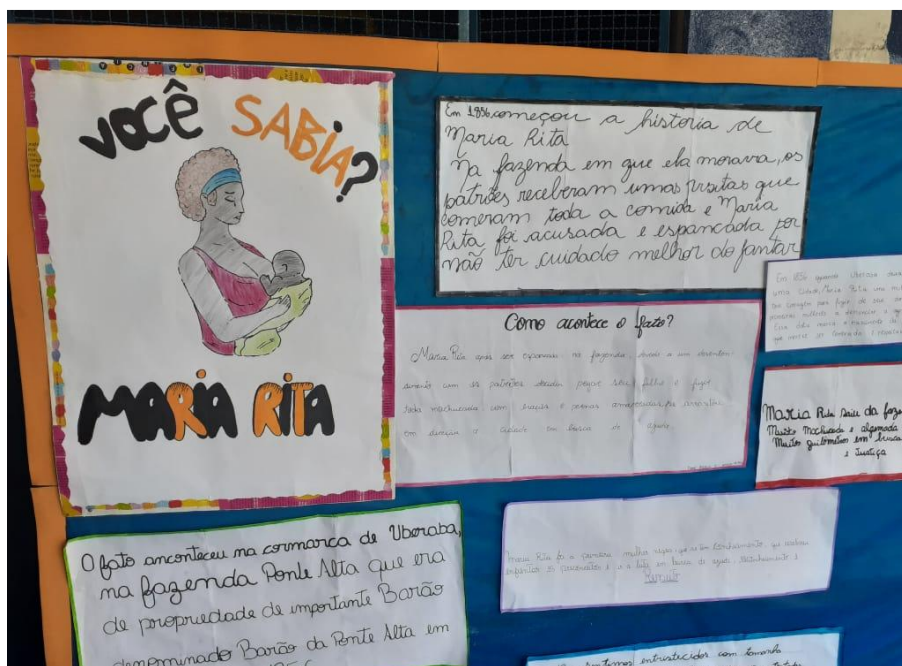
Depois de muitas informações sobre a cidade de Uberaba, iniciamos uma roda de conversa com perguntas às crianças sobre as cidades e sua importância. As perguntas foram sendo direcionadas para despertar reflexões sobre se a importância de uma cidade vem dos prédios e lugares, ou das pessoas que nela vivem.

Após muita discussão, contamos a história de Maria Rita, que foi escrava de uma das fazendas de Antônio Elói Casimiro, o Barão da Ponte Alta, que exerceu mandatos políticos de vereador e deputado estadual, tendo sido ainda juiz de paz da Comarca de Uberaba. Na carreira militar, foi Alferes, chegando a Tenente Coronel e, mais tarde, a Coronel Comandante Superior. O caso de Maria Rita ocorreu no ano de 1886, época em que a Constituição Federal de 1824 já proibia maus tratos com os escravos. Maria Rita fugiu da fazenda do Barão da Ponte Alta, com ferros atados ao pescoço e correntes nos pés, apresentando sinais de violência física e levando nos braços sua filha de dois anos. Percorreu, com muita dificuldade, as quatro léguas e meia que separavam a fazenda da cidade de Uberaba e chegou à cadeia pública da antiga Comarca de Uberaba, fazendo a denúncia de maus tratos por parte do Barão da Ponte Alta. Foi instaurado um inquérito, interrogadas várias testemunhas e aberto um processo que durou cerca de nove meses, tempo que Maria Rita aguardou recolhida no quartel. No fim do processo, o Barão foi absolvido devido ao fato de que os ferimentos encontrados no corpo de Maria Rita foram considerados leves escoriações. Assim, ela foi devolvida ao Barão da Ponte Alta e retornou à fazenda.

Durante a conversa, as crianças quiseram saber a localização da fazenda do Barão da Ponte Alta. Foi mostrado o bairro rural de Ponte Alta no mapa, sendo possível calcular a distância percorrida por Maria Rita, acorrentada e com a filha nos braços, até a chegada à delegacia de Uberaba, que foi de aproximadamente 30 quilômetros. Também tivemos a oportunidade de apresentar a foto da antiga cadeia de Uberaba, localizada na atual Praça Rui

Barbosa. É importante salientar que, após contarmos a história de Maria Rita, ficamos muito tempo nas aulas seguintes respondendo às perguntas das crianças, tamanho o interesse nelas despertado.

Figura 1 – Painel sobre Maria Rita



Fonte: Os autores (2023).

Durante a conversa, as crianças quiseram saber a localização da fazenda do Barão da Ponte Alta. Foi mostrado o bairro rural de Ponte Alta no mapa, sendo possível calcular a distância percorrida por Maria Rita, acorrentada e com a filha nos braços, até a chegada à delegacia de Uberaba, que foi de aproximadamente 30 quilômetros. Também tivemos a oportunidade de apresentar a foto da antiga cadeia de Uberaba, localizada na atual Praça Rui Barbosa. É importante salientar que, após contarmos a história de Maria Rita, ficamos muito tempo nas aulas seguintes respondendo às perguntas das crianças, tamanho o interesse nelas despertado.

O próximo passo foi mostrar, por meio de imagens, como eram as correntes e os objetos de aprisionar os escravizados. Também mostramos imagens de escravizados e de jornais da época que continham anúncios de compra, venda e aluguel de escravizados, bem como anúncios dos negros fugitivos. Pesquisando no Arquivo Público de Uberaba, pudemos encontrar e levar às crianças documentos e o processo judicial do caso de Maria Rita, com pormenores sobre os fatos.

Finalizando essa sequência didática, as crianças apresentaram uma recontagem da história de Maria Rita por meio de um jogral. As práticas de releitura do tema foram feitas por meio de desenhos e montagem de um mural, além da montagem de um “Você sabia?”, com todas as informações recebidas pelos estudantes.

3.3 Aparecida Conceição Ferreira: Dona Aparecida Conceição Ferreira – Vó Cida

Em abril foi a vez de Aparecida Conceição Ferreira, a Vó Cida, fundadora da Escola Municipal Adolfo Bezerra de Menezes, tendo em vista que no dia dez de abril é comemorado o aniversário da escola. Ela nasceu em 1914 e faleceu em 2009. Foi a fundadora e diretora, por vários anos, do Hospital do Pênfigo, instituição que abrigou gratuitamente doentes do chamado “fogo selvagem”, como era conhecida a doença do pênfigo. O hospital também funcionava como orfanato e várias crianças tiveram ali o seu lar. Devido ao fato de que essas crianças não poderiam frequentar as escolas da cidade por causa de sua doença, Dona Aparecida criou uma escola no próprio orfanato, que, mais tarde, transformou-se na Escola Municipal Adolfo Bezerra de Menezes.

Essa sequência didática mostrou o trabalho realizado pela fundadora da escola, Dona Aparecida Conceição Ferreira, mulher negra que lutou durante toda a sua existência pelo direito dos menos favorecidos e contra toda a sorte de preconceitos. Foi possível também contribuir para o fortalecimento da comunidade escolar, por meio do resgate da história, refletindo e ressignificando os passos da fundadora, buscando a autovalorização das crianças, para poderem ter melhores condições de aprendizagem, por meio de intervenções pedagógicas de empoderamento e estímulo. Buscou-se focar sempre a igualdade racial, pois esse foi o pilar da luta da baluarte, por ter enfrentado, durante toda a sua vida, situações de preconceito racial. Exemplo abaixo da identidade de pertencimento:

Figura 2 – Vó Cida



Fonte: Os autores (2023).

Foram realizadas algumas SQ, entre elas o trabalho com o hino da escola, a apresentação de textos biográficos sobre a fundadora da escola, rodas de conversa sobre direitos e deveres, o levantamento de situações de exclusão social, entrevistas com moradores da comunidade e brincadeiras sobre o legado africano e indígena. Também foi feita uma contação de histórias pela professora Selma, que conviveu com a fundadora. As crianças também assistiram a vídeos que retrataram o “antes” e o “depois” da escola. No mesmo mês, recebemos a visita de Maria Abadia Vieira da Cruz, neta da fundadora e ex-diretora da escola, que expôs às crianças o legado de Aparecida da Conceição Ferreira.

3.4 Ana Lúcia Pereira de Sousa Santos: Mãe Ana

Em maio foi a vez e a voz de Ana Lúcia Pereira de Sousa Santos, a mãe Ana, professora e mãe de santo da Tenda Tambores de Minas, general do Terno de Congada Pavão Dourado Africano e trabalhadora da escola. Ela contou sua história e levou uma apresentação do bumba-meu-boi. As crianças ficaram fascinadas. Depois, ensinamos sobre biografia e estudamos o bumba-meu-boi. Nesse contexto, foi apresentada a palestra “Retratos de fé”, da Secretaria Municipal de Educação, quando houve uma conversa muito proveitosa sobre religiosidade de matriz africana que envolveu funcionários, professores e estudantes, quebrando muitos paradigmas e preconceitos.

3.5 Daniela Néspoli

Junho foi o mês em que estudamos Daniela Néspoli, artista plástica que se dedicou a pintar pessoas negras. Mostramos um vídeo contando a sua história e seus quadros e as crianças fizeram uma releitura de um de seus quadros, através da pintura. Em agosto recebemos a visita da Dona Abadia, avó do aluno da escola, mulher negra muito simpática, mãe de santo, que veio contar às crianças muitas histórias folclóricas. Ela também cantou cantigas religiosas e folclóricas, como “Tá caindo flor”, “Senhora do Rosário”, “Alecrim dourado”, entre outras. O canto foi acompanhado pelo som do atabaque tocado pelo seu neto que ficou extremamente satisfeito com a presença da sua avó na escola. Finalizamos o encontro com um lanche da tarde.

3.6 Maria Felipa de Oliveira

Setembro é o mês da independência e, nesse sentido, apresentamos às crianças a história de Maria Felipa de Oliveira, corajosa mulher negra que defendeu a costa brasileira, na guerra da Independência do Brasil na Bahia, em 2 de julho de 1823, quando finalmente houve a rendição e fuga dos portugueses. Ela foi líder de um grupo de mais de 40 mulheres e homens

de classes e etnias diferentes, que vigiavam a praia dia e noite, fortificando-a com trincheiras para prevenir a chegada do exército inimigo, e organizou o envio de alimentos para o interior da Bahia, atuando na luta pela libertação da dominação portuguesa. A história de Maria Felipa rendeu muitas conversas e dramatizações.

Figura 3 – Painel sobre Maria Felipa



Fonte: Os autores (2024).

4 MOÇAMBICANAS: MULHERES AFRICANAS

No mês de outubro homenageamos três mulheres africanas vindas de Moçambique, estudantes do curso de doutorado em Educação na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, que foram convidadas a visitar a escola para uma troca cultural com três turmas do primeiro ano. Meriamo Tamires Garrine, Vitória Tovella e Percina Djamba atraíram a atenção das crianças, dos funcionários e demais professores da escola, que se envolveram bastante com as moçambicanas.

Figura 4 – Dança com as professoras moçambicanas



Fonte: Os autores (2024).

Em um primeiro momento, elas ensinaram as crianças, na prática, a produzirem o “molina”, uma receita africana que leva amendoim e farinha como ingredientes. Depois de pronto, as crianças e funcionários saborearam o quitute, que foi muito elogiado. Em seguida, as nossas convidadas ensinaram algumas palavras africanas na língua Xangana. Também

contaram várias curiosidades e costumes africanos como o uso da “Kapulana”, uma peça de roupa característica do vestuário das mulheres africanas, usada por elas para inúmeras utilidades, servindo até para carregar as crianças pequenas. Para exemplificar, três estudantes do primeiro ano foram carregados na Kapulana. As crianças ainda cantaram e dançaram, com elas, músicas africanas, além de aprenderem brincadeiras de Moçambique. Foi uma tarde inesquecível! No dia seguinte, fizemos uma roda de conversa sobre os novos conhecimentos, encontramos a localização de Moçambique no mapa, cantamos algumas músicas ensinadas pelas africanas e montamos um lindo mural sobre a visita delas.

5 PARTO

No mês de novembro comemora-se o Dia da Consciência Negra. Esse foi, portanto, o mês da culminância do projeto, o “parto”, após nove meses de gestação. Nas duas semanas que antecederam o 20 de novembro, cada turma da escola promoveu uma apresentação artística. Foram poemas, músicas, danças, peças de teatro e desfiles. No entanto, a culminância aconteceu nos dias 16 e 17 de novembro, quando foi realizada uma grande festa, com muitos convidados. Estudantes da nossa escola, artistas uberabenses e grupos de dança abrilhantaram essa festa com apresentações de todos os gêneros artísticos. Um grande desfile de estudantes com roupas africanas encerrou o evento.

Figura 4 – Desfile de encerramento



Fonte: Os autores (2024).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Ciranda das Pretas”, realizado de forma séria e contextualizada, possibilitou resgatar a história do povo negro, desvendando aos estudantes negros e não negros conhecimentos históricos e culturais que possibilitaram despertar profundas reflexões e mudanças de paradigmas com relação à questão racial no Brasil.

Foi comum, durante o desenvolvimento do trabalho, as crianças negras associarem a imagem das mulheres estudadas às de suas mães e avós. Com muita empolgação, comentavam pequenos feitos e atitudes delas, destacando a sua coragem e capacidade de ação, e ficavam entusiasmadas com a comparação. Como registrado por Campos e Ferracini (2022, p. 20), “o combate ao racismo também envolve a eliminação das desigualdades educacionais nas diferentes instituições, a atuação dos sujeitos em lutas políticas e condições econômicas para superação da divisão racial do trabalho”, em nosso contexto via educação. Ao se verem representadas, as crianças negras desenvolveram uma relação de pertencimento e um vínculo afetivo com a escola e as pessoas ali presentes, favorecendo o aprendizado. Além disso, ficou nítido, em algumas crianças negras, o desenvolvimento gradual da sua desenvoltura e confiança, superando a timidez e a introversão do início.

Outra percepção importante, constatada no decorrer do trabalho, foi a confirmação da ideia de que as pessoas valorizam aquilo que conhecem. Conhecer a história de sua escola possibilitou às crianças estreitarem os laços afetivos com aquele espaço de aprendizagem. Conhecer a vida de algumas mulheres negras despertou nos estudantes admiração pela sua própria ancestralidade, ao perceberem, em suas mães, tias e avós, muitas semelhanças com as heroínas negras. Conhecer os feitos de pessoas anônimas estimulou que as crianças valorizassem as pessoas, não somente por critérios midiáticos como fama, riqueza e beleza do corpo, mas também por qualidades morais como força, coragem, persistência, autenticidade, capacidade de superação e presença de espírito.

Acreditamos, assim, que trazer a história real dessas mulheres, que contribuíram e contribuem para uma sociedade melhor, foi de grande valia para desconstruir, tanto em estudantes quanto em funcionários, essa visão estereotipada sobre as mulheres negras. Foi uma abertura de caminhos para uma compreensão e um olhar mais profundo sobre o ser humano, identificando nele competências e habilidades que, muitas vezes, passam despercebidas para o olhar superficial e preconceituoso. Afirmamos que esse conjunto de ações propicia noções mais amplas e profundas sobre a inteligência e a coragem do povo negro, favorecendo às crianças negras uma sensação de autovalorização e autoconfiança, ingredientes decisivos para uma vida digna, produtiva e feliz.

Ensinar, exercitar o processo de ensino e aprendizagem a respeito de personalidades femininas negras é trazer mulheres para sala de aula, mulheres que alcançaram espaços de poder contra a opressão de gênero, raça/cor, orientação sexual, religiosa, classe, entre outras. Nesse contexto, como elencado anteriormente, demonstram-se o encantamento e a sabedoria da mulher negra na sociedade brasileira. Assim, qualquer ação afirmativa, ostensiva ou anônima, que vise desconstruir o estereótipo negativo sofrido pela mulher negra, é válida e importante para a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021, 255 p.
- BRANDÃO, C. R. *Pesquisa participante*. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, 211 p.
- BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: Ministério da Educação, 2004.
- CAVALLEIRO, E. et al. *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*. 4. ed. São Paulo: Selo negro, 2001. 213 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico de 2022*. Brasília: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/ciencia-tecnologia-e-inovacao/22827-censo-demografico-2022.html?edicao=38698&t=destaques>. Acesso em: jan. 2024.
- FERRACINI, R. Aprendendo com a comunidade-terreiro em Palmas-TO na luta antirracista. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 12, n. ed. esp., p. 221-242, 2020.
- CAMPOS, D. S. C.; FERRACINI, R. O pacto narcísico da branquitude em um campus universitário do Tocantins. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 14, n. 39, p. 500-521, 2022.
- GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 92/93, p. 69-82, 1988.
- ROCHA, R. M. de C. *Educação das relações étnico-raciais*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2007.

SOBRE OS AUTORES

Lindea Pereira Ramos é especialista em Alfabetização das Séries Iniciais pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá (2012). Graduada em História pela Universidade de Uberaba (2006). Atualmente, é professora da Educação Básica da Prefeitura Municipal de Uberaba.

 lindea.ramos@edu.uberabadigital.com.br

 <https://orcid.org/0009-0007-0014-9779>

Rosemberg Ferracini possui doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é Professor Adjunto da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), atuando no curso de Geografia e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Desenvolve pesquisas nas áreas de ensino de Geografia, formação de professores, currículo, didática, relações étnico-raciais e estudos africanos.

 rosemberg.ferracini@uftm.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-1203-8893>

Recebido em 25 de maio de 2024.

Aprovado em 1 de maio de 2026.

Publicado em 5 de agosto de 2026.